



HAL
open science

Aventuras e desventuras em nome da fé. (Axe VII, Symposium 28)

Maria Luiza Andreazza

► **To cite this version:**

Maria Luiza Andreazza. Aventuras e desventuras em nome da fé. (Axe VII, Symposium 28). Independencias - Dependencias - Interdependencias, VI Congreso CEISAL 2010, Jun 2010, Toulouse, France. halshs-00496159

HAL Id: halshs-00496159

<https://shs.hal.science/halshs-00496159>

Submitted on 29 Jun 2010

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

Aventuras e desventuras em nome da fé

Maria Luiza Andreazza¹

Resumo: O estudo reconstruiu as relações de um grupo de imigrantes ucranianos estabelecido no Brasil com o pároco que os assistiu entre 1911 e 1950. Homem autoritário, João Michalkzuck valeu-se de inúmeros recursos, em particular da ascendência espiritual, para assenhorear-se da localidade. Acima desta simplificação, a investigação permitiu verificar a plasticidade de certas configurações sociais, especialmente quando imbricadas com o plano do sagrado. Deste ponto de vista, o estudo destaca a força do campo religioso na visão de mundo de imigrantes ucranianos estabelecidos no sul do Paraná, focalizando seus efeitos na vida cotidiana dos que ali viveram entre finais do século 19 e meados do século 20. Cumpre dizer que as investidas de Michalczuk não se deram sem ampla resistência no interior do próprio grupo. Dentre os pioneiros estavam os imbuídos do espírito Prosvita que animava o nacionalismo galiciano e, por isso, combatiam a ascendência do clero tradicional sobre o campesinato. Contudo, o peso de uma memória social sacralizada, a distância das lideranças Prosvita e a pífia presença do Estado brasileiro para garantir mínimos direitos aos integrantes dessa comunidade permitiram que os desmandos e abusos do padre João se desdobrassem por quatro décadas.

Palavras-chave: imigração ucraniana; Prosvita; populismo.

1 -“Batatas em um saco constituem um saco de batatas ”(Karl Marx)

Inúmeros fatores definiram as políticas de atração de imigrantes para o Brasil ao longo dos Oitocentos. Dentre eles, a historiografia sobreleva a necessidade de braços para as grandes e pequenas lavouras, notadamente no contexto da transição da mão-de-obra cativa para a livre. Tal mudança nas relações do trabalho agrícola já havia se completado quando, em 1889, foi estabelecido o regime republicano, face política de uma conjuntura pródiga em transformações modernizantes de uma sociedade cujas elites almejavam para si um mundo civilizado e sob a égide do Progresso.

É nesta perspectiva que se insere a inédita vitalidade das principais cidades brasileiras compelidas a abandonar seu marasmo plurissecular pois, para além das tradicionais atividades burocráticas, passavam a cumprir novas funções associadas ao trabalho, a educação, a saúde e ao lazer social. É certo que o surto de urbanização na Primeira Republica não se deu de forma homogênea, pois atingiu com maior intensidade as regiões associadas à pujança da cafeicultura paulista.² Essa economia de exportação alavancava o comércio e promovia o desenvolvimento industrial no país o que, por sua vez, produzia oportunidades de trabalho para o segmento da corrente migratória que não pôde, ou não quis, se estabelecer no Brasil

¹ Professora Associada da Universidade Federal do Paraná e Pesquisadora do CNPQ (Brasil).

² “O estado de São Paulo se tornou pólo dinâmico de vasta área que abrange os estados mais ao sul e vai incluir, embora de modo incompleto, o Rio de Janeiro e Minas Gerais” (SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo : Edusp, 2008. p 29).

associado à faina agrícola. A inserção cidadina desse segmento foi, sobretudo, na condição operária restando, aos que pudessem, iniciar pequenos negócios e engrossar a incipiente classe media urbana. Desta feita, com a exceção do malsucedido experimento anarquista na Colônia Cecília, os pesquisadores que se ocupam em relacionar a participação de imigrantes nas questões sociais da Primeira Republica situam, notadamente, italianos, espanhóis e portugueses, nos movimentos que se organizaram e eclodiram nas cidades.

Já foi dito que a República nasceu sob o signo da ordem pública. Herdeiros de concepções político-filosóficas de cunho evolucionista, os intelectuais e militares que fundaram a República defendiam a tese do progresso ordeiro.³ Por isso, concebia-se uma ordem política no interior da qual “o povo seria uma agremiação de cidadãos unidos por laços de disciplina.”⁴ Aos transgressores desse ideal, o Estado acionou políticas repressivas que privilegiavam o encarceramento dos que promoviam a “desordem pública” devida à bebida, arruaças e congêneres. Nesse contexto, também eram presos “desordeiros” anarquistas, socialistas, sindicalistas, grevistas, propagandistas anti-religiosos, anti-voto, feministas, etc.⁵

Tendo em vista apenas a segunda categoria de desordens, é possível levantar duas questões: a primeira, evidentemente, é a de que, na terra de origem, esses imigrantes estiveram em contato, ou alinhados a algum dos inúmeros movimentos sociais que vicejavam na Europa Oitocentista. Grande parte deles, como se sabe, preocupado em minimizar os efeitos nefastos do capitalismo quando não propriamente em extingui-lo. A outra parte desses movimentos, herdeira do Iluminismo, dedicava-se a extinguir o obscurantismo clerical e a menoridade da mulher. A segunda questão, que para fins deste estudo vale a pena realçar, é a de que tais “desordens” estariam imbricadas tão somente a pautas próprias — pertinentes e/ou decorrentes — à Europa Ocidental urbana.

Feitas essas observações, pode-se voltar ao que foi dito acima: a expressiva produção historiográfica que se ocupa com os movimentos reivindicatórios da Primeira Republica destaca a influência de imigrantes na divulgação de ideários políticos europeus que buscavam garantias e direitos ao proletariado. Nesse caso, por exemplo, ao relacionarem italianos à difusão do anarquismo no Brasil, os pesquisadores sequer cogitam sugerir que essa linha de

³ PATTO, Maria Helena Souza. **Estado, ciência e política na Primeira República**: a desqualificação dos pobres. Estudos Avançados. [online]. 1999, vol.13, n.35, pp. 167-198

⁴ GOMES, Ângela Maria de Castro. **A invenção do trabalhismo**. (3ª. edição) Rio de Janeiro : Editora FGV, 2005. p 44

⁵ PATTO, Maria Helena Souza. **Estado, ciência e política na Primeira República**: a desqualificação dos pobres. Estudos Avançados. [online]. 1999, vol.13, n.35, pp. 167-198; PINHEIRO, Paulo Sérgio. **O proletariado industrial na Primeira República**. IN: História Geral da Civilização Brasileira: O Brasil Republicano - Sociedade e Instituições. T. III - v. 2, coord. B. Fausto, 135-178. Rio de Janeiro: Difel. 1977.

ação política possa se associar a algum traço de identidade étnica. Ao contrário, a identidade que é colocada é de outra natureza, como bem identifica Ângela Gomes quando focaliza os ganhos da classe trabalhadora nas primeiras décadas do século XX. Para ela, nesse interregno, os ganhos materiais foram pequenos e efêmeros, mas houve aí uma conquista substantiva: a produção da identidade social do trabalhador brasileiro.⁶ Assim, na perspectiva da historiografia sobre o assunto, o universo do trabalho brasileiro abrigava operários de todas as origens étnicas cuja militância política se fundava no propósito de alcançar garantias a uma classe e não a uma etnia.

É certo que não foi intenção dos autores que se ocuparam com a classe operária isolar os imigrante por suas origens, mas para fins desse estudo é fundamental considerar que, independentemente do local de suas inserções, os estrangeiros necessitaram construir uma multiplicidade de identidades sociais, dentre as quais figurava a étnica, que não necessariamente se confundia com os demais. São raros os estudos que indicam que a coesão étnica não foi sentida pelos imigrantes-cidadinos como tarefa urgente, sendo postergada para a fase que sucedeu ao estabelecimento e definição da atividade profissional.⁷

Contrariamente, as investigações que focalizam o comportamento social dos imigrantes que se dirigiram as áreas rurais destacam o empenho dos colonos em reconstruírem traços identitários com base nos códigos de sociabilidades ancestrais. Há, porém, um enorme silêncio historiográfico quanto a essa reorganização contar com elementos provenientes de alguma das correntes ideológicas disseminadas na Europa Oitocentista. Essa aparente despolitização estaria indicando que, em suas recriações culturais, esses imigrantes não se valeram de estratégias que pudessem beneficiá-los como integrantes de uma categoria social cuja existência transcendia os limites de suas comunidades. Mesmo as demandas junto às autoridades governamentais ou consulares são freqüentemente explicadas como preocupação em manter seus lotes e escoar o excedente da produção, em nada sugerindo a presença de um sentimento coletivo que extrapolasse o bem da família, ou até mesmo individual.

De fato, boa parte dos estudos que analisam as comunidades imigrantes evidenciam a centralidade da vivência familiar na produção e manutenção dos signos étnicos ali presentes. Nesse sentido, sublinham a força das instituições religiosas e associativas, a endogamia dos comportamentos matrimoniais e compadrescos na produção das fronteiras étnicas bem como em verificar os efeitos do tempo na transmissão geracional do campo costumeiro. Essa

⁶ GOMES, op. cit., p. 30.

⁷ P. ex: MACHADO, Cacilda. De uma família imigrante: sociabilidades e laços de parentesco. Curitiba : Aos Quatro Ventos, 1998

historiografia logrou identificar que essas particularidades étnicas, dentre as quais a manutenção do idioma e do apeço à terra de origem, acabaram por tornar os colonos-imigrantes problema de Estado, gerando as políticas nacionalistas iniciadas nos anos 1920. Nesse caso, e diferentemente do que ocorria com os imigrante-citadinos, as políticas repressivas decorreram do fato étnico. Muito embora sumerize, talvez demais, o teor de boa parte da produção dedicada aos imigrantes, o quadro montado até aqui permite encaminhar as seguintes perguntas: será que o contingente de imigrantes estabelecidos nas colônias do Sul do Brasil veio desprovido da consciência política manifestada pelos que fixaram nas cidades? Será que os termos da relação coronelismo-enxada-voto, tão marcantes na política brasileira, tal como um vírus, atingiram os imigrantes-colonos reduzindo-os à passividade? Será que os imigrantes-colonos seriam, tal como os camponeses do 18 Brumário, excrescências feudais incompetentes para efetiva ação política?

O estudo de caso que se segue evidencia o contrário. Ao menos no que se refere ao comportamento dos pioneiros de um assentamento de ucranianos no sul do estado do Paraná, em 1895: na Colônia Antonio Olyntho.

2 -“Foi de ti, mujique, foi de ti que tudo procedeu – nobres, padres, sábios, czares, todos são antigos mujiques. Vês? Compreendes? Aprende a viver de forma a que te não batam mais” (Maximo Gorki)

A grande maioria dos ucranianos⁸ que se dirigiu para o Brasil veio da Galícia – à época, a maior província do império austro-húngaro, situada a Noroeste desses domínios. Ali, 80% da população se dividia entre poloneses e rutenos, porem esses últimos se concentravam na porção oriental da província. A população restante dividia-se majoritariamente entre judeus e alemães.⁹

A situação sociopolítica dos ucranianos inspirava os lamentos de nacionalistas, como Iwan Frankó que escreveu: “Meu povo sofredor e mutilado, igual a um lazarento no monturo pelo desdém dos homens ultrajado!”¹⁰ Esse poeta integra o grupo de intelectuais do Leste europeu que, especialmente após a segunda metade do século XIX, questionou os

8 A designação regional que recebiam no momento da Grande Migração era de rutenos; em sua própria língua, chamavam-se de *rusyny*. Por volta do final do século XIX, os rutenos galicianos e bucovinos passaram a favorecer a adoção de um novo nome nacional: ucranianos, que finalmente prevaleceu. (RUDNYTSKYJ, I. Essays in modern ukrainian history. Edmonton : Printing Services. University of Alberta, 1987. p. 315)

⁹ HIMKA, J. P. **Galician villagers and the ukrainian national movement in the nineteenth century**. Edmonton : Canadian Institute of Ukrainian Studies, 1988. p.:xxiii)

¹⁰ Esses são os versos iniciais de Moisés, de Iwán Frankó, em que o poeta “se identifica com o vate judeu, vendo na história bíblica uma parábola da história de seu próprio povo”. (KOLODY, H; SELANSKI, W. Moisés. Curitiba : Sociedade dos Amigos da Cultura Ucraniana, 1981. p. 14)

fundamentos das relações sociais da região. Para entender um pouco do programa dos populistas vale recuperar as considerações de Isahia Berlin acerca desse movimento na Rússia. Ele esclarece que sob a insígnia ‘populistas’ não se encontra um partido político ou um conjunto coeso de doutrinas, mas sim um amplo movimento radical liderado por homens de origens e capacidades diferentes que dirigiam pequenos grupos independentes de conspiradores ou simpatizantes. Em comum, apenas compartilhavam os ideais democráticos dos radicais europeus de sua época bem como a crença de que a luta entre as classes econômicas e sociais era o fator determinante na política. Como se sabe, a teoria da luta de classes surgiu no decorrer da Revolução Industrial no Ocidente e, naquele contexto, a idéia da coerção exercida pelos “possuidores” sobre os “despossuídos” alçou o proletariado à condição de classe revolucionária. Porém, a precária industrialização nos impérios Russo e Austro-Hungaro fazia com que seus contingentes de operários fosse insignificante, não passando de 2 a 3% da população total.¹¹ Por isso, ali o populismo canalizou suas atenções para o campesinato, que “passou a ser entendido como o verdadeiro sal da terra.”¹² Os integrantes desse segmento, estrato mais baixo da população, eram representados “como mártires, cujos agravos estavam decididos a vingar e remediar, e como encarnações da virtude simples e incorrupta”.¹³

As derrotas dos movimentos liberais no Ocidente em 1848-49, conforme Isahia Berlin, confirmou-os na convicção de que a correção das injustiças sociais não estava na política ou nos partidos políticos. Para eles, o que a vasta maioria dos camponeses e trabalhadores da Europa precisava era que lhes proporcionassem alimentos e roupas, segurança física e que a salvassem da doença, da ignorância, da miséria, da pobreza e das desigualdades humilhantes.¹⁴ Há que se ressaltar que, diferentemente do que querem alguns intérpretes, o foco no campesinato não marca esse movimento como tradicional pois o populismo desejava sim mudanças na sociedade.¹⁵

Com essa feição, se desenvolvia entre os rutenos que implementavam suas ações junto a sociedade rural a crença de que sua emancipação era condição necessária para a concretização de um Estado nacional. Além disso, como em outros movimentos protonacionais do século XIX, nesse também o universo rural era considerado o mantenedor

¹¹ BERLIN, Isahia. **Os pensadores russos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 214

¹² NARKIEWICZ, Olga. **The green flag: Polish populists politics (1867-1970)**. London: Redwood Burn Ltda. 1976. p. 277.

¹³ BERLIN, Os pensadores russos ... p. 215.

¹⁴ Ibidem, p.. 216.

¹⁵ NARKIEWICZ, The green flag. p. 273.

de tudo aquilo que *a intelligentsia* mitificava como *ethos* nacional: seria o guardião das canções, das histórias e dos costumes populares, bem como da língua vernácula.

A estudar o populismo na província da Galícia como um todo, Olga Narkiewicz propõe que ele se manifestou por meio de três grandes correntes: a laica, tanto socialista quanto não socialista, a clerical, com elementos cristãos, e a econômica, com fortes ingredientes de nacionalismo.¹⁶ Já entre os que investigam apenas a Galícia Oriental, área ocupada pelos ucranianos, essa divisão não é apontada, em que pese assentirem quanto ao caráter nacionalista e clerical de seus populistas. Nesses estudos é recorrente, porém, localizar na Galícia Oriental as manifestações e os resultados mais intensos do nacionalismo ruteno. A primeira vista, esse fato pareceria improvável, já que apenas 15% da população ucraniana vivia sob os domínios dos Habsburgos estando a maioria restante sob o jugo dos czares. Porém, como esclarece Magocsi, a maior liberdade do ambiente político no império austríaco teria favorecido a disseminação de ações populista e nacionalistas mais intensas justamente na área da Galícia Oriental.¹⁷

Todavia, o esforço emancipatório dos populistas esbarrava na ignorância do campesinato. Com efeito, houve, na primeira metade do século XIX, por parte da Coroa austro-húngara, uma clara política de desestimulação do ensino para as camadas populares nas regiões da Galícia. É significativo que, em 1842, somente 15% das crianças galicianas frequentassem a escola, enquanto em outras regiões do Império, como na Boêmia, verificava-se uma frequência de 94%; em toda a Áustria (com exceção da Galícia) este índice era de 75%. O quadro pouco se alterara nos finais da década de 1860, quando o governo austríaco passou a incentivar a educação em todas as regiões do império pois, na Galícia, sob a hegemonia da nobreza polonesa, essa medida não foi integralmente implementada. A situação refletiu um quadro desolador para a região: em 1880 somente 17,3% dos homens e 10,3% das mulheres conseguiam ler e escrever. Isto destoava do total do império onde as percentagens eram 61,9 e 55,1%, respectivamente, de homens e mulheres alfabetizados.¹⁸ Mas, foi no interior desse quadro de analfabetismo que a Coroa austríaca, desde meados do século XIX, permitiu a proliferação de escolas, jornais e de associações de caráter diverso, engendrando a possibilidade de uma verdadeira "revolução cultural" na região.¹⁹

¹⁶ Ibidem, 282.

¹⁷ MAGOCSI, Paul. **The roots of Ukrainian nationalism**: Galicia as Ukraines's Piedmont. Toronto: University of Toronto Press, 2002. p. 119.

¹⁸ HIMKA, op. cit, p. 15-16; ANDREAZZA, Maria Luiza. **Paraíso das delícias**: um estudo da imigração ucraniana para o Brasil. 1895-1995. Curitiba : Aos Quatro Ventos, 1998.

¹⁹ HIMKA, J-P, p. 56.

Essa revolução ocorreu muito em decorrência da propagação, desde a segunda metade do século XIX, de organizações populistas em que a elite educada – a *intelligentsia* – se dedicava em transmitir consciência cultural e nacional ao campesinato. Seus líderes se dispersavam pelas universidades, casas editoriais e academias como, por exemplo, a Sociedade Schevchenko.²⁰ No entanto, para autores como Himka e Magocsi, as organizações mais influentes eram as que atuavam diretamente nas aldeias dado seu impacto na vida cotidiana dos camponeses. Dentre essas, duas se destacaram: a Sociedade *Kachkovs'kyi* e a Sociedade *Prosvita*.²¹ Neste texto, porém, vou focalizar apenas algumas características da *Prosvita* dadas as evidências de que suas propostas tiveram ecos junto aos imigrantes estabelecidos no Brasil.

Essa associação foi fundada em 1868, por Stephen Kachala e diversos outros ativistas como Anatoly Vachnhanyn e Omelian Partytzky. Suas intenções junto às populações rurais eram semelhantes as dos demais populistas e assim, não parece ser por acaso que a tradução de *Prosvita* signifique iluminação. Originalmente um movimento cultural e educacional, a *Prosvita* ganhou força política com o apoio da juventude, principalmente aquela formada por estudantes de teologia.²² O objetivo inicial, que tinha uma característica mais acadêmica e literária, a partir de 1870, passou a ser assumido pela Sociedade Chevtchenko enquanto a *Prosvita*, foi se tornando um dos pontos centrais da consciência nacional ucraniana, dirigindo suas atividades fundamentalmente para a promoção da educação entre as massas camponesas.

Uma de suas mais importantes derivações foram os clubes ou salas de leitura. Esses clubes – *tchetáhnia* – eram instituições que buscavam criar um ambiente crítico com vistas a complementar a educação recebida nas escolas; no entanto, no mais das vezes, elas serviam para a própria alfabetização dos camponeses. O número de membros dos clubes de leitura espalhados pelas diversas aldeias era variado, apresentando grupos em torno de cinquenta a até mais de cem sócios. Em meados da década de 1880, havia quatrocentas salas e em 1906 já eram aproximadamente três mil²³, somando as promovidas pelas duas sociedades mais expressivas na região:

	KACHKOV'S'KYI	PROSVITA
Total de membros *	19 710	20 085
Membros em 1906	9 229	10 000
Salas de leitura	1 261	1 693

* considerando os associados desde a criação dessas associações.

²⁰ MAGOCSI, op. cit., p. 119 ; HIMKA, J-P. Galician ... p. 60.

²¹ MAGOCSI, op. cit., p. 120

²² TERLETSKY, I. H.. Educational and cultural movement in Galícia. In: UKRAINE : A CONCISE ENCYCLOPAEDIA. v 2. Toronto : University of Toronto Press, 1971. p. 336.

²³ .HIMKA, J-P. Galician ... p. 90

Destaca-se no movimento *Prosvita* a participação ativa de parte do clero greco-católico, especialmente a sua ala progressista, da qual era integrante o próprio Stephan Kachala. Muito em função disso, ocorre uma reestruturação do relacionamento entre os religiosos da ala progressista com a população rural que deixou de enxergá-los apenas como ministradores de bens de salvação.²⁴ E foi nesse contexto também que o exercício religioso sob o rito grego passou a compor traço distintivo da etnicidade ucraniana. Vale lembrar que, em correspondência aos vários desdobramentos do cristianismo, a população da Galícia dividia-se entre ucranianos católicos de rito grego (uniatas) ou ortodoxos e poloneses, católicos latinos.²⁵

Kachala, em finais dos anos 1860, formulou uma teoria acerca da pobreza da população rural. A esse respeito, os autores laicos sugeriam associações com os termos injustos em que se deu a emancipação da servidão de gleba, com as contradições sociais pela difusão da economia monetarizada e ainda, com a ausência de industrialização que pudesse absorver o excedente da mão-de-obra da área rural. Diferentemente, para o reverendo Kachala, as raízes da miséria dos camponeses se devia a seus próprios vícios: a embriagues, o desperdício e a preguiça.²⁶ Com base nisso, partiu do clero a formulação de uma ideologia, concebendo o movimento nacional como uma luta dicotômica: da virtude contra o vício, da iluminação contra a ignorância, da sobriedade contra a embriaguês, da diligência contra a indolência e da frugalidade contra a prodigalidade.²⁷ Estavam dadas as bases para uma nova ética social que envolveu boa parte dos aldeões que a entendiam como mais um ponto a ser conquistado na construção de uma nova ordem social. Para tal, as paróquias, além das salas de leitura, passaram a implementar irmandades de temperança, escolas e cooperativas.

O envolvimento da *Prosvita* com a criação de cooperativas agrícolas tem relação direta com as condições ambíguas daquela sociedade que se encontrava em pleno processo de transição mas onde as antigas estruturas de relações socioeconômicas insistiam em vigorar.

²⁴ Especificamente sobre as relações entre o clero, nacionalismo e populismo na Galícia cf. HIMKA, John-Paul. **Religion and nationality in Western Ukraine: the Greek Catholic Church and Ruthenian National Movement in Galicia**. 1867-1900. Montreal : McGill – Queen's University Press, 1999. p. 54

²⁵ Hobsbawm, ao estudar os nacionalismos do leste europeu, refere-se a essa questão: [...] as verdades universais estão freqüentemente em competição, e as pessoas que estão na fronteira de algumas dessas verdades podem, às vezes escolher outras como um distintivo étnico, como o fazem russos, ucranianos e poloneses para se diferenciarem entre si como católicos romanos, ortodoxos e uniatas. (HOBBSAWM, E. J. **Nações e nacionalismos desde 1870** : Programa, mito e realidade. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1990. p. 83.)

²⁶ HIMKA, John-Paul. Voluntary artisans associations and the Ukrainian national movement in Galicia (the 1870s) IN: MARKOVITS, Andrei; SYSYN, Frank E (edit) **Nationbuilding and the politics of nationalism**. Harvard University Press, 1982. P. 192.

²⁷ HIMKA, J-P. Galician ...p. 125.

De maneira geral, mesmo após 1848, os nobres continuaram a exigir pagamento em trabalho ou em dinheiro para que o camponês utilizasse as terras que haviam sido comunitárias. Em contrapartida, muitos deles usavam ilegalmente as terras rústicas e os pastos²⁸. Em função do impasse, a administração provincial passou a instalar comissões de direitos servis para examinar as demandas dos camponeses, as quais tendiam a favorecer os senhores das terras. Para se ter uma noção das dimensões dessa questão, entre 1850 e 1900, as apelações relativas à querela sobre os direitos "servis" apareceram em 984 aldeias galicianas: destas, 90% localizavam-se na Galícia Oriental²⁹. Dada a ignorância do campesinato para formular, por escrito, as denúncias, esse contexto gerou uma especialidade social composta por indivíduos que possuíam educação formal e ganhavam suas vidas escrevendo as denúncias e petições dos camponeses.³⁰

Apesar das vitórias das forças sociais conservadoras, o período foi pautado naquilo que John-Paul Himka denominou conflito entre *serfdom and servitudes*³¹. Essa tensão traduzia-se inicialmente, como foi descrito acima, nas estratégias desenvolvidas pela nobreza no sentido de continuar recebendo dos camponeses o tributo da corvéia e, de outro, nas dos camponeses *rutenos* de manter os direitos tradicionais da exploração familiar e comunal da terra. Um bom exemplo disso se encontra na exigência de que os camponeses indenizassem os nobres pelos prejuízos causados com sua emancipação. Foi decidido pelo Parlamento que eles deveriam pagar tal compensação até 1898, por meio de impostos adicionais, cuja arrecadação permitiria indenizar a nobreza pela significativa perda da mão-de-obra servil.³²

Nesse contexto de desagregação da economia feudal a *Prosvita* se ocupava em organizar armazéns comunitários, cooperativas comerciais e bancos de poupança e empréstimo. Também foram criados granários coletivos, pois em função da escassez de grãos nos períodos que antecediam o plantio, os camponeses necessitavam recorrer aos empréstimos dos usurários para a compra das sementes. Só nas últimas décadas do século XIX é que se desenvolveram instituições bancárias modernas que acabaram com o empréstimo particular, especialmente difundido nas vilas da Galícia. Mesmo assim, em 1912, a *Prosvita* contava com 257 uniões de crédito.³³

28 HIMKA, J-P. Galician p. 49.

29 Ibid., p. 49.

30 Ibid., p. 17

31 Ibid., p. 1-48. As palavras "*serfdom*" e "*servitudes*" podem ser traduzidas como "obrigações servis" e "direitos servis" respectivamente.

32 Ibid., p. 29. Até 1898 os camponeses da Galícia Oriental pagaram, a título dessa indenização, mais de 50 milhões de florins (gulden) e cerca de 62 milhões em juros. Pode ser lembrado que os imigrantes em estudo chegaram ao Brasil em 1895

33 TERLETSKY, *op. cit.*, p. 336; HIMKA, *op. cit.*, p. 165.

Há que se ressaltar que, como é característico a fases de intensas transformações estruturais, não existia uma sincronia no ímpeto das mudanças pretendidas pelos populistas. Cada região e, mais especificamente, cada aldeia experimentavam a modernização em ritmo específico em função da temporalidade própria de cada um dos agentes modernizantes e das contradições sociais decorrentes. Assim, em finais do século XIX os elementos da cultura popular tradicional eram práticas vivas e significativas nos campos da Galícia. O arraigamento das formas culturais pode ser associada tanto à ruralidade da vida social quanto à tolerância do clero conservador da igreja de rito grego. Um exemplo disto aparece com clareza na comemoração da Páscoa – a mais importante festa da Igreja Oriental – cuja celebração até hoje atualiza signos pré-cristãos. Nessas condições, a religiosidade dos camponeses passou a ser objeto de preocupação da *intelligentsia Prosvita*. Para ela, as crenças e as práticas mágicas passaram a ser objeto de anátema, por conflitarem com a difusão de uma cultura racionalista entre os camponeses.

Assim, as atividades paroquiais da *Prosvita* expressavam as contradições dessa sociedade. Não foi todo o campesinato que aderiu aos clubes de leitura, por exemplo. Houve resistências que podem ser atribuídas tanto ao conflito com a tradição oral, quanto ao medo de represálias por parte da nobreza. Em relação ao primeiro motivo, é exemplar a observação de um clérigo rural que, tendo fundado inúmeros clubes de leitura, tinha experiência com essa resistência: “*não existem razões de se ficar surpreso com os nossos aldeões. Sendo pouco esclarecidos, não entendem os benefícios dos clubes de leitura para sua instrução e, sendo conservadores, encontram dificuldades de se acostumar com alguma coisa que não esteja na aldeia desde há muito tempo*”. A oposição a essa prática estaria ligada à herança de uma mentalidade servil na qual a educação seria um atributo distintivo, característico de uma classe opressora e estrangeira. Isso está bem expresso nas palavras de um oponente ao clube de leitura na aldeia de *Perviatychi*, em 1884: “*Serei um senhor para poder ler um jornal?*”³⁴.

Já o segundo motivo se daria porque grande parte da população entendia que qualquer iniciativa para melhorar suas condições poderia ser reprimida pelas autoridades. Os conflitos com a nobreza local reforçavam esse tipo de concepção. Os temores tinham certo fundamento, à medida que até os finais dos Oitocentos mantinha-se a censura aos jornais e textos, e eram aprisionados os que difundiam literatura subversiva. A população tradicional, no entanto, associava as prisões dos radicais ao fato de "estarem lendo" e não à espécie de leitura que era efetuada.

³⁴ HIMKA, J-P., Galician ... p. 94

Apesar dos segmentos refratários, o que se verificou é que as ação da *Prosvita*, notadamente os clubes de leitura, passaram a integrar a paisagem rural, com a adesão dos segmentos mais jovens da sociedade, basicamente homens. Reunidos nas escolas, salões paroquiais ou mesmo ao ar livre, liam, escutavam e debatiam o valor da educação para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Nestas conversas também descortinavam para si a possibilidade de refazer suas vidas além-mar. Esses integraram as levadas de imigrantes que se dirigiram para a América, particularmente a partir da década de 1890. Dentre eles, estava o grupo que foi estabelecido na colônia rural Antonio Olyntho o qual, como dito anteriormente, é objeto desse estudo.

3. “No fim de tal destino já acampamos. Vivemos na floresta em cabanas, e imensamente estamos trabalhando. Cortamos troncos grossos de braçada, com dois-tres dias de espicaçada. Num ano vamos ter um descampado prá semear. Vivemos do fiado pois o governo por enquanto fia até obtermos sal, batata e milho.” (Carta de Olexia - I. Frankó)

As diretrizes brasileiras para a instalação de núcleos coloniais no Sul do Brasil preconizavam pluralidade étnica, envolvendo no mesmo estabelecimento uma mescla de estrangeiros com nacionais. O objetivo era evitar aquilo que mais tarde passou ser chamado de ‘quisto étnico’. Assim, quando em 1895 mais de 2000 ucranianos foram direcionados para a colônia de Antonio Olyntho, eles passaram a conviver com um número expressivo de poloneses e alguns poucos italianos, alemães e brasileiros. A inexpressividade das outras etnias permite afirmar que, a despeito do projeto multi-étnico, Antonio Olyntho foi uma colônia de ucranianos e de polacos.³⁵

Porém, seria descabido supor que, desde o primeiro momento, entre os próprios ucranianos, houvesse forte coesão, pois os integrantes das 350 famílias pioneiras emigraram de várias regiões da Galícia. Como já foi visto anteriormente, aquela região era palco de uma enorme reestruturação que se processava em diversos graus – tanto na implementação quanto na aceitação. Se isso favoreceu a integração de parte dos camponeses no ideário populista tornando-se conscientes do poder da ação crítica e coletiva, o cotidiano da maior parte do campesinato mantinha-se inalterado. De fato, grande parte dos galicianos vivia segundo

³⁵ ANDREAZZA, op. cit.,

formas ancestrais e, por isso mesmo, quando emigraram para o Brasil, trouxeram uma visão de mundo essencialmente camponesa e tradicional.³⁶

Mas, é relevante considerar que, apesar das variações culturais entre esses imigrantes ucranianos, um idioma comum agia como facilitador da comunicação entre eles. A semelhança lingüística certamente traduzia-se em condições favoráveis à formação de grupos de interesse. Tendo isso em vista, é provável que uma situação havida nos primórdios da colônia tenha inaugurado o movimento de coesão do grupo e, ao mesmo tempo, ser considerado momento fundador da recriação étnica na localidade. Trata-se de uma insurreição que ocorreu nos primeiros meses de 1896, cujo andamento detém fortes traços da racionalidade *Prosvita*, em particular no que se refere a sua ênfase em difundir o princípio de que os homens não deveriam se curvar ao arbítrio das autoridades, fossem elas laicas ou religiosas. Deveriam, sim, exigir os direitos assegurados em contratos e nas normas legais.

O conflito em questão está articulado à morosidade do processo de medição e definição dos lotes que caberiam a cada família nas linhas vicinais da colônia. Os imigrantes se viam, e estavam, literalmente largados à própria sorte, não tendo a quem recorrer. Não possuíam representação oficial, já que o vice-consulado da Áustria-Hungria só foi estabelecido em Curitiba, capital do Estado, em setembro de 1896.³⁷ A tensão deveria aumentar pela dificuldade de comunicação posto que não dominavam o idioma local. Ainda, não é descabido sugerir que vivessem o temor de um ataque de índios, haja vista uma colônia de galicianos nas proximidades ter sido recentemente atacada por índios ‘botocudos’.³⁸

Insatisfeitos com as condições em que estavam Gregório Prokopiw, Theodoro Dzurelo, José Okunski, Wasílio Komar, Stanislau Szymanski e Casimiro Ozuch lideraram um motim ao qual se integraram os demais imigrantes.³⁹ Segundo a argumentação oficial, os imigrantes se rebelaram apenas porque foram informados que não receberiam mais os alimentos que o Estado lhes destinava enquanto não estivessem instalados; portanto, se revoltaram contra o diretor da colônia porque se negavam a trabalhar⁴⁰. Merece ser destacado que o relatório oficial esclarece o despreparo das autoridades paranaenses para instalar os

³⁶A este respeito consultar BORUSZENKO. A imigração ucraniana. In: WIRTSCHAFTSKRÄFTE UND WIRTSCHAFTSWEGE. Klett-Cotta : Munchen, 1981. p. 760-761.

³⁷ Até então, havia vice-consulado apenas no Rio de Janeiro.

³⁸ O que está sendo mencionado consta do Relatório apresentado ao Dr. José Pereira Santos Andrade pelo Bacharel Antonio Augusto de Carvalho Chaves, Secretário de Negócios, Justiça e Instrução Pública. 1897 (DEAP).

³⁹ Todos os indivíduos citados como líderes da rebelião são *rutenos*/ucranianos. Seus nomes foram colhidos no Relatório apresentado ao Dr. José Pereira Santos Andrade Governador do Estado do Paraná pelo bacharel Antonio Augusto de Carvalho Chaves, Secretário de Negócios do Interior, Justiça e Instrução Pública em 1 de setembro de 1896. Curitiba : Typ. Modello a Vapor, 1896. p.5 (DEAP).

⁴⁰ *Ibid.*, p.5.

imigrantes. Ali fica claro que aceitação dos fluxos migratórios não implicou prévia preparação de lotes coloniais, nos quais os imigrantes, tão logo chegassem ao Paraná, pudessem ativar uma plantação para sua subsistência. Acrescem-se a isso problemas como a incompetência dos topógrafos contratados pela Inspetoria de Colonização e querelas em torno da posse das terras devolutas onde o Estado estava instalando o núcleo colonial.

Nessas condições, o motim foi de tal monta que foi necessário que as autoridades enviassem reforços policiais, deslocando pelotões de policiais para acalmar a situação no núcleo colonial. A fúria dos colonos tinha razão de ser pois sete meses após seus desembarques ainda estavam lotados em barracões coletivos. O convívio compulsório com pessoas que até então lhes tinham sido totalmente estranhas e a informação de que não receberiam mais alimentação gratuita do Estado foram motivação mais do que suficiente para um levante. Essencial esclarecer neste episódio o fato de que todos os indivíduos que foram citados como *líderes* do motim ainda moravam no barracão que construíram como abrigo provisório. Assim, é legítimo sugerir que não se insurgiram apenas pelo fato de não receberem mais a alimentação. Eles se revoltaram, sim, por lhes ser negada a oportunidade de retomar suas vidas. Nessa linha, cabe indicar que mesmo tendo se evadido do local, conforme consta no relatório policial, os líderes retornaram a Antonio Olyntho assim que se acalmou a situação. Todos eles receberam seus lotes na *linha Candido de Abreu*, que foi demarcada depois de setembro de 1896 e, em sua grande maioria, mantiveram-se na localidade até morrer. Este foi o caso, por exemplo, de José Okunski, cujo obituário em 1928 diz o seguinte: “Com a avançada idade de 73 anos faleceu no dia 4 do corrente o prestante colono José Okunski, homem probo e trabalhador.”⁴¹

Evidentemente, esse motim serviu para definir lideranças e iniciar a coesão social de pessoas egressas de diferentes aldeias da Galícia. Entre eles, se deu a seleção dos costumes sobre os quais se organizou a cultura ucraniana local. Nesse processo de recriação étnica, foi expressiva a fidelidade dos imigrantes à profissão da fé católica sob o rito grego. No entanto, merece ser destacado que nos primeiros 15 anos da colônia, apenas esporadicamente foram atendidos por padres do rito grego. Numa carta enviada à Galícia, em 1922, os pioneiros lembravam o abandono religioso que vivenciaram por muito tempo. Segundo eles, o responsável por administrar a paróquia, o *reverendo Clemente Bjuh'ovskei*, os visitava apenas duas a três vezes por ano.⁴²

⁴¹ GAZETA DO POVO. Notícias do Estado – Antonio Olyntho. Curitiba : 15/07/1928. no. 2984, p. 8.

⁴² CORRESPONDÊNCIA DOS IMIGRANTES, 1922. n.p. Arquivo Provincial da Ordem Basiliiana. Prudentópolis. (Tradução livre).

Havia a opção de freqüentar o culto religioso na igreja de rito latino. Possivelmente animados pelo espírito da *Prosvita* que soprara na Galícia, um grupo de pioneiros reagiu a esta situação e, por volta de 1904 *abandonaram a capela até então comum transferindo-se para um prédio adquirido para este fim, adaptando a casa ali existente para uma capela provisória.*⁴³ Fica evidente que a eles se tornara impossível rezar na capela latina. E isto é muito significativo na argumentação de que a tradição religiosa agiu como forte elemento na organização dos limites étnicos locais. Se a autodemarcação dos ucranianos fosse fundamentada em outros princípios, eles poderiam, por exemplo, manter a posse da igreja latina: afinal eram em maior número. Os dados a este respeito indicam que ali havia, em 1896, 70 famílias polonesas e 350 ucranianas. Então, sendo maioria na colônia, por que os ucranianos não ficaram com a igreja existente? Possivelmente, pelas especificidades de sua religião. A tradição oriental possui simbologia própria, não apenas na conformação da liturgia e no calendário como também na estrutura e nos elementos próprios a seus templos.

Nessa fase de autodemarcação, concomitantemente ao signo da fé, se colocava a questão de serem retomados os princípios da Sociedade *Prosvita*. Não apenas Antonio Olyntho, como também as demais colônias ucranianas foram tomadas por uma verdadeira ânsia de escolaridade, associando muito intimamente o sucesso da imigração com o princípio da educação. As escolas e as salas de leitura nas sociedades *Prosvita* faziam parte do projeto dos ucranianos no Brasil durante a década de 1900, e os colonos de Antonio Olyntho não se furtaram a estas intenções. A esse respeito relataram ao Metropolitano Andrei Szeptetzkei:

ao lado da igreja construímos uma casa para a moradia do sacerdote quando nos visitava e onde as crianças pudessem reunir-se para receber os ensinamentos escolares. Além disso, compramos uma chácara, e destinamos os lucros para as despesas comunitárias como igreja, escola, clube de leitura e outras. Todos estes bens eram administrados por nós mesmos, através de um comitê eleito, e com a participação do padre Bjuh'ovskei.⁴⁴

Nos esforços para prover a educação de crianças e adultos, as iniciativas individuais eram louvadas: o empenho de Stephan Duma, por exemplo, foi citado até no Boletim Colonial e Agrícola que tinha grande divulgação entre os imigrantes de todo o estado do Paraná. Estabelecido em Antonio Olyntho, esse imigrante ministrava suas aulas *possuindo apenas uma cartilha: durante a noite, ele repassava para os papéis tudo aquilo que ia lecionar, em número equivalente ao de alunos que tinha na sala, para no dia seguinte entregar às crianças.*⁴⁵

⁴³ Livro Tombo, p. 2

⁴⁴ CORRESPONDÊNCIA DOS IMIGRANTES, 1922. n.p. Arquivo Provincial da Ordem Basiliiana. Prudentópolis. (Tradução livre).

⁴⁵ KWASSINSKI, T. IN: BOLETIM COLONIAL E AGRICOLA DO ESTADO DO PARANÁ. Curitiba. 1907 - 1908. p. 264

Deve ser enfatizado que toda essa organização, apesar de desenvolver suas atividades no âmbito paroquial, era essencialmente um movimento leigo. Nessa época, como já foi destacado, os religiosos que atendiam a capela local, o faziam de forma itinerante. Assim, os imigrantes mantiveram sua célula *Prosvita* em torno de uma igreja, mas não pela ação direta do clero. E, passados quinze anos da instalação na colônia sentiam-se suficientemente organizados para aspirar um guia espiritual fixo. Assim, em vinte e quatro de agosto de 1911, chegou a Antonio Olyntho o padre secular João Michalczuk que, para o bem e para o mal, ali ficou até 1950, ano em morreu.

4-“O portador do carisma assume tarefas que considera adequadas e exige adesão em virtude da sua missão.” (Max Weber)

O novo pároco encontrou os ucranianos organizados tanto como paróquia – coesos sob um signo da fé – quanto associados em torno de ideais de nacionalidade, de educação e de cooperação – a Sociedade *Prosvita*. E, sobretudo, dispostos a ter um dirigente espiritual; como escreveram mais tarde, “*a ter um pai*”⁴⁶ Haviam construído capelas para realizar o culto, edificaram residências para acolher o padre, escolas para alfabetizar adultos e crianças e tentavam a organização cooperativa. Não suspeitavam, porém, que a vinda deste clérigo lhes retiraria a liberdade de gerenciar suas próprias vidas.

Ao chegar à colônia, o padre Michalczuk sistematizou a vida religiosa dos fiéis, esforçando-se para agregar seus paroquianos a uma série de elos devocionais. Envolver os paroquianos em atos devocionais implicava interferir em seus cotidianos e o padre João sentia-se autorizado a impor o comportamento que entendia como adequado. Iniciou com a disciplinarização das festas, interferindo principalmente na vida dos jovens. Outra frente na qual o padre João se empenhou desde os primeiros tempos foi pela temperança da comunidade fazendo o povo jurar que apenas beberia quando tivesse seu consentimento.⁴⁷

As pessoas curvaram-se à tenacidade daquele que, ali, era o representante do sagrado. Deste rigor decorre uma associação imediata com sua passagem pelo exército, antes de ingressar na carreira clerical. Com um temperamento forte, João Michalczuk sentia-se á vontade no papel de clérigo tradicional não hesitando em agredir os paroquianos com um chicotinho de couro do qual não se separava⁴⁸. E mais, não dispensava a violência em palavras ásperas que dirigia aos paroquianos, como nos relata uma carta que os próprios

⁴⁶ CORRESPONDÊNCIA DOS IMIGRANTES, 1922. n.p. Arquivo Provincial da Ordem Basiliiana. Prudentópolis. (Tradução livre).

⁴⁷ Livro Tombo do Curato Antonio Olyntho. p. 34

⁴⁸ Depoimento de integrante da comunidade. (1994)

enviaram à Galícia, dizendo que no seu sermão, Michalczuk se resumia a esbravejar: “Vocês são ignorantes, não passam de lixo.”⁴⁹

Nas bases autoritárias em que o pároco estabelecia sua relação com os paroquianos, foi inevitável o desenvolvimento de uma relação de agudo antagonismo. Dentre os inúmeros conflitos pode ser destacada a questão da unificação das irmandades religiosas que congregavam os ucranianos de Antonio Olyntho. Neste enfrentamento, os momentos mais ruidosos se deram entre 1916 e 1918. Tudo porque, quando o padre João chegou na localidade, os pioneiros já haviam criado duas irmandades: uma na sede da colônia e outra associando os moradores da linha vicinal de Santos Andrade e de seus arredores. Como já foi dito as associações paroquiais não se ocupavam apenas das questões espirituais. Sob a rubrica de Irmandade São João Batista e São Basílio eram implementadas as atividades de duas unidades da *Prosvita* local. Os imigrantes possivelmente as criaram espelhando-se nas experiências que tiveram em suas aldeias da Galícia, onde o clero progressista congregava as atividades próprias da igreja com as da escola e da cooperativa agrícola.

O fato de Michalczuk, legítimo representante do clero tradicional, querer unificar as irmandades criava um impasse: quem assumiria os rumos da *Prosvita* local, até então dirigida por leigos? O pároco, naturalmente, exigiu o comando não apenas das questões religiosas como da posse dos bens que as sociedades possuíam. Disso é prova, por exemplo, uma escritura registrada em 1916, que transferia os bens da igreja matriz para o padre João Michalczuk. A esse respeito deve-se notar que, sendo padre diocesano, Michalczuk poderia ter bens registrados em seu nome. Fatos como esses geraram um período de intenso conflito, culminando com ações judiciais, movidas junto ao tribunal da Lapa, contra Michalczuk e a diretoria da “Sociedade Católica Rutena”, acusando-os de defraudadores do dinheiro e do patrimônio da paróquia, esse derivado exclusivamente do esforço dos pioneiros⁵⁰.

No entanto, a resistência da liderança laica da comunidade de Antonio Olyntho à atuação de Michalczuk foi decrescendo na medida que ele recebia apoio das instâncias superiores. A Mitra Diocesana, quando informada da irregularidade do comportamento do clérigo, aconselhava aos imigrantes *que fossem bons filhos*.⁵¹ Da mesma forma, as autoridades civis procuradas pelos colonos dificilmente se arriscariam a contrariar uma autoridade eclesiástica. Prova disso são os resultados dos processos criminais movidos contra o padre.

⁴⁹ CORRESPONDÊNCIA DOS IMIGRANTES, 1922. n.p. Arquivo Provincial da Ordem Basiliana. Prudentópolis. (Tradução livre).

⁵⁰ PARANÁ. FORUM DA CIDADE LAPA. Summario-Crime. Juízo de Direito da Comarca da Lapa. 08/01/1916. Requerente: Júlio Reva. Requeridos: Padre João Michalczuk, João Sambulski, Elias Wons, Nicolau Schner, Gregorio Wiçoski e Alfredo Schner. (Processo-crime não catalogado).

⁵¹ (L.T: 18)

Deve-se acrescentar, ainda, que desde 1917, quando a colônia passou a pertencer ao município de Rio Negro, o padre João, *além de ser membro do Diretório Político Municipal foi alçado ao cargo de chefe político de todo o distrito.*⁵² Acabaram-se aí, definitivamente, suas idas e vindas para os tribunais.

Perante tantos insucessos, os colonos perverteram os princípios racionalistas da *Prosvita* tentando uma solução radical: matar o padre. As tentativas para tanto, fazem parte da memória coletiva da comunidade e foram informadas, ainda em 1913, pelo próprio Michalczuk em carta que dirigiu ao Metropolitano Andrei Szeptetzkei.⁵³

Dada a crescente hegemonia de Michalczuk no cenário local, pode-se apontar que a década de 1920 marca uma reestruturação da composição social da colônia. E, neste processo, é significativo que as pessoas que se destacaram na liderança da comunidade até a década de 1920 tenham desaparecido dos registros paroquiais desde então. Mais do que mero fenômeno migratório, isto sugere que na localidade se mantiveram apenas aqueles grupos arraigados a um comportamento camponês tradicional. A eles restou a retomada da tradicional submissão à autoridade do “senhor”, “nobre” ou “clérigo”. Restou assim, abandonarem a perspectiva de que a imigrar equivaleria emancipar-se da submissão ancestral.

Na narrativa do jornalista ucraniano, Karmanskyj, que esteve em Antonio Olyntho em 1922, João Michalczuk reeditava a relação senhor e servo:

A casa do padre, imponente e muito bonita, esconde-se no meio de um lindo bosque. Cada canto é bem cultivado e bem limpo. No pomar estão algumas macieiras, algumas pereiras e uma raridade no Brasil: alguns carvalhos.[...] Passei olhando o resto das construções da propriedade. Admirei-me com a perseverança do proprietário, surpreendi-me com o modelo de ordem em tudo, e tive ciúmes: é um verdadeiro senhor no sentido exato da palavra.⁵⁴

5. Considerações finais

Finalizando, vale mencionar que o acompanhamento das relações que estes colonos tiveram com seu pároco incita a pensarmos o quão próximos ainda vivemos daquele mundo mágico e obscurantista pretensamente abolido pela Razão em 1789, no Ocidente, e em 1848, no Leste Europeu. A multiplicidade de caminhos que os grupos sociais percorrem opondo dominação e submissão, razão e fé, saber e obscurantismo não podem ser alcançados se, analiticamente, mantivermos ativos o ingênuo axioma de que, em se tratando de formas binárias, o predomínio de uma destas racionalidades implique, necessariamente, na exclusão

⁵² Livro Tombo do Curato Antonio Olyntho. p. 21

⁵³ CORRESPONDÊNCIA DE IWAN MICHALCZUK, junho, 1913. Arquivo Metropolitano Andrei Szeptetzkei. Lwiv.

⁵⁴ KARMANSKYJ, Petró. Miz ridneme u pivdeniy Améretzi. Kiev/Viena/Lwiv : Tchahika, n.d. p. 104.

da outra. Ademais, experiências coletivas como as acima analisadas demonstram a especial complexidade que assumem as relações sociais permeadas pela presença do sagrado.

Ao abandonarem a Galícia, certamente muitos daqueles imigrantes o fizeram em busca de novas oportunidades para si e para os seus descendentes. Vinham animados pelos ideais *Prosvita* que incitava o campesinato a fortalecer seu poder de negociação associando-se em cooperativas e a emancipar-se do servilismo através do esclarecimento adquirido com a educação formal. Aqui, esse grupo, em que pese assumirem a liderança da comunidade nos primeiros tempos, com a chegada de Michalczuk, acabou reeditando conflitos e relações que, no momento de emigrar possivelmente acreditaram estar deixando para trás.

Fontes

- CORRESPONDÊNCIA DE IWAN MICHALCZUK, junho, 1913. Arquivo Metropolitana Andrei Szeptetzkei. Lwiw.
- CORRESPONDÊNCIA DOS IMIGRANTES, 1922. n.p. Arquivo Provincial da Ordem Basiliana. Prudentópolis. (Tradução livre).
- Entrevistas com descendentes de ucranianos, moradores em Antonio Olinto.
- Livro de Notas nº 43. ANTONIO CLARET BUENO - TABELIÃO - OFÍCIO DE PROTESTO DA CIDADE DA LAPA/PR.
- Livro Tombo do Curato Antonio Olyntho (1911-1950). Arquivo Paroquial Nossa Senhora da Conceição. Antonio Olinto (PR)
- PARANÁ. FORUM DA CIDADE LAPA. Summario-Crime. Juízo de Direito da Comarca da Lapa. 08/01/1916. Requerente: Júlio Reva. Requeridos: Padre João Michalczuk, João Sambulski, Elias Wons, Nicolau Schner, Gregorio Wiçoski e Alfredo Schner. (Processo-crime não catalogado).
- BOLETIM COLONIAL E AGRÍCOLA DO ESTADO DO PARANÁ. Curitiba. 1907 - 1908.
- KARMANSKYJ, Petró. Miz ridneme u pivdenij Améretzi. Kiev/Viena/Lwiw : Tchahika, n.d.

Referências Bibliográficas

- ANDREAZZA, Maria Luiza. **Paraíso das delícias**: um estudo da imigração ucraniana para o Brasil. 1895-1995. Curitiba : Aos Quatro Ventos, 1998.
- BERLIN, Isahia. **Os pensadores russos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- BOOTMORE, T. (org.). DICIONÁRIO DO PENSAMENTO MARXISTA. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1988.
- BORUSZENKO, O. **Imigração ucraniana no Paraná**. München : Wirtschaftskraften und Wirtschaftswege. Klettccotta, 1981.
- _____. **Os ucranianos**. Boletim Informativo da Casa Romário Martins. v. 22, 1981
- FAUSTO, Boris (org.). **Fazer a América**: a imigração em massa para a América Latina. São Paulo: Edusp, 2000.
- GOMES, Ângela Maria de Castro. **A invenção do trabalhismo**.(3ª. edição) Rio de Janeiro : Editora FGV, 2005.
- HIMKA, J. P. **Galician villagers** and the ukrainian national movement in the nineteenth century. Edmonton : Canadian Institute of Ukrainian Studies, 1988.
- HOBSBAWM, E. J. Nações e nacionalismos desde 1870 : Programa, mito e realidade. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1990.
- KOŁODY, H; SELANSKI, W. Moisés. Curitiba : Sociedade dos Amigos da Cultura Ucraniana, 1981.
- KWASSINSKI, W. Os ruthenos no Paraná. Boletim Colonial e Agrícola do Estado do Paraná. Curitiba, 1908, n. 5,6,7. Ano 2, v. 2
- MACHADO, Cacilda. **De uma família imigrante**: sociabilidades e laços de parentesco. Curitiba : Aos quatro ventos, 1998
- MAGOCSI, Paul. **The roots of Ukrainian nationalism**: Galicia as Ukraines's Piedmont. Toronto: University of Toronto Press, 2002
- NARKIEWICZ, Olga. **The green flag**: Polish populists politics (1867-1970). London: Redwood Burn Ltda. 1976.
- PATTO, Maria Helena Souza. **Estado, ciência e política na Primeira República**: a desqualificação dos pobres. Estudos Avançados. [online]. 1999, vol.13, n.35, pp. 167-198.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio. **O proletariado industrial na Primeira República**. IN: História Geral da Civilização Brasileira: O Brasil Republicano - Sociedade e Instituições. T. III - v. 2, coord. B. Fausto, 135-178. Rio de Janeiro: Difel. 1977.
- RUDNYTSKYJ, I. **Essays in modern ukrainian history**. Edmonton : Printing Services. University of Alberta, 1987.
- SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo : Edusp, 2008.
- TERLETSKY, I. H.. Educational and cultural movement in Galícia. In: UKRAINE : A CONCISE ENCYCLOPAEDIA. v 2. Toronto : University of Toronto Press, 1971.